

RESUMO - SIMPÓSIO 3: LITERATURA E PSICANÁLISE

“E EU CONTINUAREI BUSCANDO / O FRÊMITO DA PALAVRA”: A CONDIÇÃO DA MORTALIDADE SOB A ÉGIDE DA SUBJETIVIDADE HILSTIANA

Rebeca Monteiro Ayres De Sousa (rebecamonteiro_@outlook.com)

Ao aproximar a experiência estética da poesia à noção de paisagem, Collot (2013) envereda pelo aspecto fenomenológico da existência: como a paisagem – que não se constitui como dado puramente externo e imutável, mas como fruto virtual da interação entre sujeito e natureza –, a humanidade vivencia o mundo atravessado pelas projeções interiores de cada ser. À luz desse imperativo, as obras de Hilda Hilst convidam o leitor a confrontar verdades aparentemente consolidadas, mas que, por meio da poesia, revelam-se volúveis e inconstantes. É o que ocorre em *Da Morte. Odes Mínimas* (Hilst, [1980] 2017), cujo eu-lírico perfaz a inevitável condição humana da morte, não por uma rota aflita e desassossegada, mas, por uma via singular, erotizada e serena – possível, talvez, graças à percepção íntima da persona lírica. Assim, a presente comunicação objetiva analisar a seção inaugural do livro hilstiano, intitulada *Aquarelas*, segmento que entrecruza palavra e figura, reunindo os poemas às ilustrações produzidas pela própria poeta, ou seja, interpreta-se o diálogo texto-imagem como reflexo da união entre o eu e a natureza. Para sustentar essa

leitura, ampara-se em *Poética e Filosofia da Paisagem* (2013), de Michel Collot, como base para as discussões sobre a integração fenomenológica entre sujeito e mundo, e *Universos da Arte* (2013), de Fayga Ostrower, como aporte às especificidades da relação entre texto e imagem na leitura poética.

Palavras-chave: hilda hilst; ilustração; morte; natureza; poesia.